

## **AUTISMO E INCLUSÃO: PSICOPEDAGOGIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA E NA FAMÍLIA**

**CLEONILDE SILVA FREDIANI<sup>1</sup>**

Cunha, Eugênio, 2015 Doutor em Educação pela Universidade Estácio de Sá, possui graduação em Programa Especial de Formação de Docentes pela Universidade Cândido Mendes (2005), especialização em Docência do Ensino Superior (2006), Psicopedagogia (2007) e graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário Augusto Motta (1984). Atualmente é professor da Faculdade Cnec Itaboraí, coordenador pedagógico do Colégio Objetivo Cambinhas, professor do Centro Brasileiro de Pesquisa - Censupeg, pesquisador da Universidade Federal Fluminense (Políticas Públicas em Educação), palestrante para professores do Sistema Montessori, da Educação Especial e do Ensino Regular. Autor dos livros "Afetividade na prática pedagógica: Educação, TV e Escola", "Afeto e aprendizagem: amorosidade e saber na prática pedagógica", "Autismo e Inclusão: práticas educativas na escola e na família", "Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade" e "Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar", publicados pela WAK Editora. Tem experiência na área de educação, com ênfase no ensino de crianças com dificuldades de aprendizagem e autismo. Informações coletadas do Lattes em 03/03/2019

“Neste livro o autor discute sobre o ‘autismo e a Inclusão’ de uma forma compreensível. No início da obra faz um chamado sobre “Heróis solitários”, mas também “aprendentes”. Nesta reflexão apresenta uma breve introdução sobre a pessoa autista e como muitas aprendem sem se quer ir para a escola; outras aprendem rapidamente códigos, porém, mas não conseguem fazer tarefas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemáticas (PPGECM). Universidade (UNEMAT). E-mail: cleofrediani@gmail.com

simples do seu cotidiano como abotoar sua blusa. Aponta que o autismo tem diferentes níveis de gravidade e está relacionado com a infância.

O autor pretende discutir sobre as práticas educativas em uma abordagem psicopedagógica, sendo este tema tão pertinente à educação. O autor ressalta as pesquisas médicas com referências ao quadro clínico; mais adiante observa-se as pesquisas médicas da síndrome, mas sua ênfase maior é ao trabalho pedagógico, com a contribuição da Psicopedagogia, ajudando os professores de escolas inclusivas ou especiais e também os pais.

Esta obra está divididos em nove temas, interessantes: o primeiro, para conhecer e identificar o autismo; o segundo questiona que o educador precisa saber sobre o autismo; o terceiro foca na construção com o aprendente autista; o quarto traz um currículo com atividades funcionais; o quinto - comunicação, memória e atenção; o sexto, escola e família; o sétimo, professor, escola e inclusão; o oitavo, a Contribuição da Psicopedagogia; o nono relata na inclusão - palavras de amor.

Estes temas orientam as pessoas sensibilizando-as, dando caminhos de como trabalhar com as crianças com autismo. No primeiro capítulo traz como o autismo se manifesta nos primeiros anos de vida; o termo autista se origina do Grego *autós* que significa “ de si mesmo”. O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldade na interação social e atividade restrito – repetitivas. Também comenta sobre o Código Internacional de Doença - o CID 10 que aponta outros distúrbios como: Síndrome de Asperger, autismo Atípico, transtorno de Rett, e sobre o transtorno Desintegrativo da infância. Todas as explicações destas síndromes estão neste capítulo.

Já no segundo capítulo: o que o educador precisa saber? – explica que a criança autista é, especialmente, atraída por objetos que rodam e balançam, o professor deve aproveitar este interesse da criança para ensinar o uso correto dos objetos. O grande foco na educação deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, pois, nem sempre, eles virão de maneira rápida como esperamos. Segundo Paulo Freire (2013) “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção,” assim o professor deve estar preparado para receber as crianças de uma forma que motive e estimule sua aprendizagem. As escolas devem trabalhar em conjunto com a sala de recursos e sala de ensino regular favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto. O autor deixa claro que a sala de recursos precisa ser simples, sem muitos objetos para que não haja estímulo em demasia. É normal a criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como o da escola. As descobertas do autista são muitas vezes influenciadas pelas sensações com pouco inferência cognitiva. Para estimular a percepção de uma criança, o autor descreve os aspectos a serem observados e como devem ser trabalhados:

- Capacidade sensorial;
- Capacidade espacial,
- Capacidade de simbolizar,
- Subjetividade,
- Linguagem,
- Cognição,
- Hiperatividade,
- Estereotipias,
- Psicomotricidade,

Socialização, e Afeto.

Assim devemos trabalhar nas escolas com o comprometimento e a dedicação, com o objetivo da educação de qualidade. No terceiro capítulo - o que construir com o aprendente autista? - tem-se FREIRE (2013) “ quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto às indagações, à curiosidades, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico.” - Portanto os alunos têm contribuições para desenvolver a sua aprendizagem, pois, Cunha deixa claro no seu livro que não se constroem os movimentos de aprendizagem somente com a qualidade das nossas ideias, mas, principalmente, com o valor das nossas ações.

O quadro de autista impõe que toda a avaliação psicopedagógica seja uma ação e uma pesquisa sobre o docente, com sua história biológica, familiar e social, seu amor, seus desejos, suas necessidades, utilizando os instrumentos teóricos e práticos. As atividades devem ter caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico. O aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogo para que dê suporte ao professor em sala de aula.

No capítulo quatro, apresenta a ideia do currículo com atividades funcionais, um currículo funcional para a vida prática compreendendo tarefas que podem ser executadas em perfeita sintonia entre a escola e a família, alcançando etapas previamente estabelecidas. Cada etapa superada demanda uma nova lista, como por exemplo – se uma série de afazeres diários precisa ser realizada, como dobrar roupa de cama, escovar os dentes etc. O que é mais importante aprender naquele momento deverá ser privilegiado. Primeiro, trabalham- se alguns de maior facilidade de execução até o plano domínio. Vai,

aos poucos, acrescentando-se um novo fazer. Todavia, se a criança ou adolescentes não conseguirem realizá-lo, o professor ou os pais devem colaborar para que não haja sentimento de fracasso e frustração. O autista tem grandes dificuldades para realizar tarefas comuns na vida diária, devemos ensinar-lhe habilidades básicas e corriqueiras. Por meio da escola e por meio do currículo adequado o aluno poderá descobrir: -Que as pessoas ao seu redor são importantes; - os valores da amizade; o afeto, o carinho e o amor; - as regras sociais que ajudam na memorização; - o convívio com outras crianças; - as rotinas diárias que ajudarão em sua independência e autonomia; a importância de compartilhar sentimentos e interesses. O autor relata neste capítulo os métodos TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Distúrbios Correlatos da Comunicação). O TEACCH se baseia na organização do ambiente físico por meio de rotinas organizadas em quadro, painéis ou agendas. O objetivo é adaptar o ambiente para o autista mais facilmente compreendê-lo e compreender o que se espera dele. Tem também o tratado sobre a ABA (Análise Aplicada ao Comportamento) que é uma técnica proveniente do campo científico do behaviorismo, aqui o objetivo é observar, analisar e explicar a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem, visando a mais uma mudança de comportamento específicos dos comportamentos globais. E o PECS - (Sistema de Comunicação mediante a troca de figuras) procura estimular a aprendizagem devido à baixa eficiência de comunicação, procura estimular o aprendiz a comunicar-se pela percepção de que pode conseguir mais rapidamente as coisas que deseja, utilizando figuras.

Já no quinto capítulo trata sobre a comunicação, memória e atenção do autista, porque é reconhecida as dificuldades na comunicação e na

linguagem. Alguns autistas não atentam para a necessidade social de se expressar, mas são sensíveis a vida afetiva, memória, ensino de aptidões de comunicação não verbal, por isso, será relevante nos casos de atrasos expressivos, porque não há muita inferência do raciocínio e da fala, ademais, as palavras e os sons parecem ter menor tempo de vida na memória, enquanto as figuras, os símbolos e os objetos permanecem mais tempo, porque são compreendidos de forma visual e tátil. A atenção é extremamente relevante na aprendizagem escolar, os pensamentos não estão separados das experiências exteriores, mas conectam-se e atuam no desenvolvimento cognitivo à medida que experiências cotidianas são relacionadas. O capítulo deixa algumas dicas para os professores:

- Penetrar no mundo do autista,
- Concentrar-se no contato visual,
- Trazer sempre o olhar do autista para as atividades que ele está fazendo;
- Entreter-se com as brincadeiras do autista,
- Procurar sempre enriquecer a comunicação,
- Mostrar a cada palavra uma ação e a cada ação uma palavra,
- Tornar hábitos cotidianos agradáveis,
- Fazer tudo com serenidade, mas com voz clara e firme.

No capítulo sexto - Escola e família – o autor apresenta que são normais as preocupações dos pais, porque há relevantes alterações no meio familiar e, nem sempre, é possível encontrar maneiras adequadas para lidar com situações decorrentes. Aqui entra a atuação do psicopedagogo com a família, ao começar pelo diagnóstico ou pela avaliação, já compreendendo a necessidade de uma intervenção na dinâmica do lar, e é bom e importante ressaltar a distinção que se pode fazer com a intervenção do tratamento dos autistas. O

histórico dos autistas mostra que alguns sintomas são persistentes e que em sua maioria, continuam vitalícios com diferentes níveis de severidade. Uma grande ajuda para os autistas, independentemente do grau de severidade, vem das relações familiares; em razão do enfoque na comunicação, na interação social e no afeto. Entretanto, escola e família precisam concordar com as ações e as possíveis intervenções na aprendizagem, principalmente, porque há grande suporte na educação comportamental. O bom preparo do profissional possibilita ao educador a isenção necessária para avaliar a conduta do aluno e dá para a família o auxílio para a recondução das intervenções, quando elas não alcançam os resultados esperados no ambiente familiar ou na escola. Reuniões periódicas com os pais, relatórios, trocas de informações e observação constante dos exames médicos – laboratoriais fornecem substancial ajuda, são apontadas ao longo do texto.

O sétimo capítulo, trata sobre o - Professor, a escola e inclusão. Neste capítulo o autor cita a Lei de Diretrizes e Bases (LDB – Lei nº 9394-1996) destacando o capítulo V, arts.,58 e 60. Esta Lei trata sobre a inclusão, mas não se deve pensar em inclusão escolar, sem pensar no ambiente inclusivo; não somente em razão dos recursos pedagógicos, mas também, pelas qualidades inerentes aos seres humanos. Desses enfoques, destaca que, apesar do espaço atraente e adequado para a instrução escolar é necessário a educação humanizada, pois, não raramente, deparamos com escolas sem o devido preparo nesse requisito. Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor, assim, é necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão, - repetição de palavras - será infrutífera para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógico

se não conseguir incluir o aluno. E como se faz a inclusão? Primeiro sem rótulos e depois, com ações de qualidade.

O oitavo capítulo traz sobre a Contribuição da Psicopedagogia, relatando exemplos sobre os autistas, para explicar melhor o papel do psicopedagogia, pois, não visa estabelecer conceitos teóricos, mas, possibilita novas formas de ver a educação observando mais os movimentos do aluno diante da tarefa do que a tarefa em si. Por ser área de conhecimento interdisciplinar e multidisciplinar, a psicopedagogia busca compreender como ocorrem os processos de aquisição do saber e entender as possíveis dificuldades que o aluno encontra nesse processo, por isso, ela dispõe do uso de diversas ciências, como a psicologia, psicanálise, filosofia, sociologia. Dentre outras.

No capítulo nono o autor discute a inclusão, como palavras de amor. Desse modo, o aluno não pode mais ser excluído da construção da sua aprendizagem, tendo em vista que aprende nas suas trocas; no mundo afetivo e social; e ao mesmo tempo em que se torna o seu principal interlocutor na aquisição do conhecimento, a escola deve possibilitar ao discente a sua autonomia que é uma das metas fundamentais da educação do autismo.

Este livro, faz-nos refletir a cada capítulo lido, levando-nos a pensar na prática pedagógica em sala de aula, pois, várias escritas podem gerar um debate entre os professores pais e a comunidade escolar, para ajudar a todos a entender melhor o aprendizado dos autistas, principalmente, sobre a inclusão que apesar de ter sido imposto a alguns anos ainda se percebe muita dificuldade. Segundo Mantoan (2006) “a inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente, no seu apelo às mudanças nas escolas comuns e especiais, mas sabemos que sem estas mudanças nas escolas não garantiremos à condição de nossas escolas receberem, a todos os alunos. ” Acreditamos que apesar das

mudanças ainda precisamos estudar, discutir, pesquisar, compreender ter formação para conseguir trabalhar com todas estas diversidades.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim (org.) **Inclusão escolar.** São Paulo: Summus, 2006.